

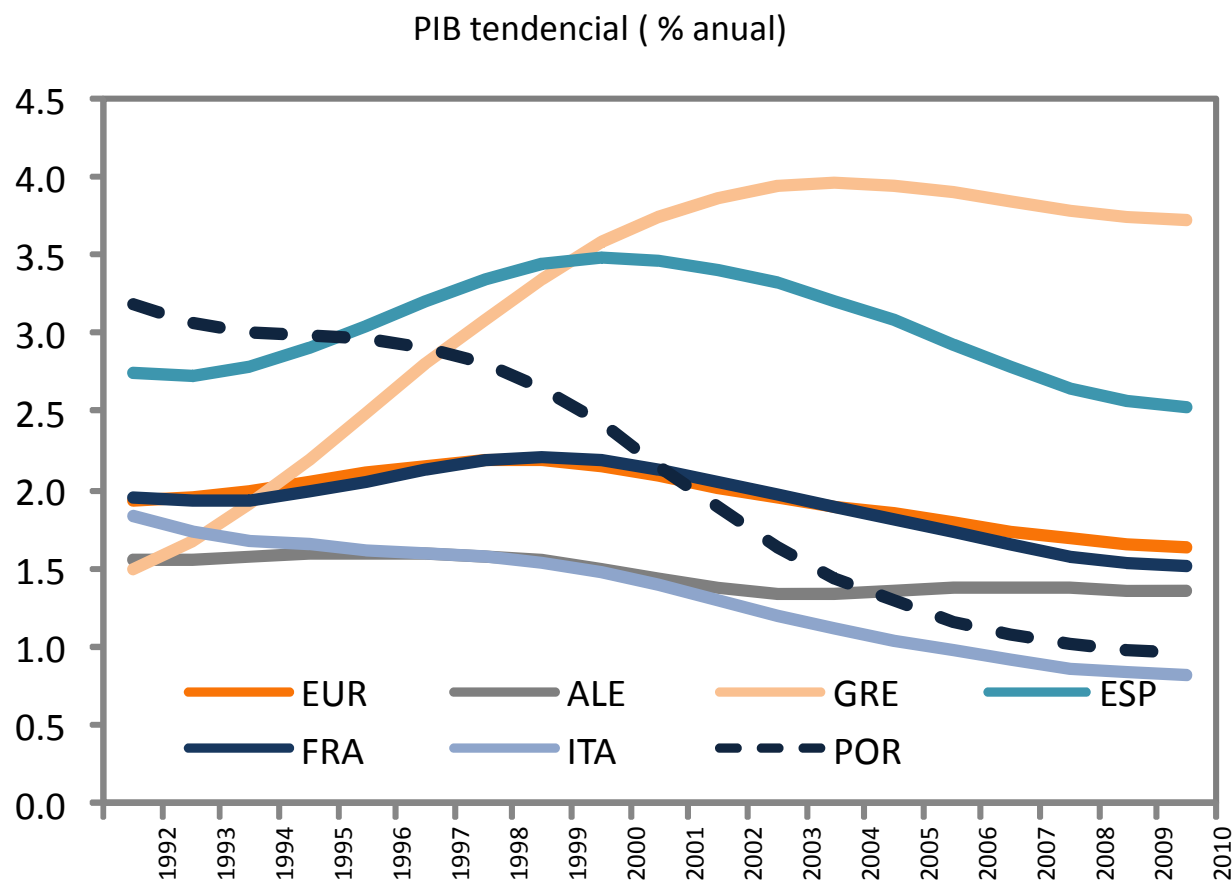
# Desafios para Portugal em 2009

Fevereiro 2009

# A situação actual

- Uma economia em declínio
- Um país endividadíssimo
- Um Estado pesado e opressor
- Uma sociedade cada vez mais desigual

# A forte descida do PIB tendencial reflecte que a economia tem um problema estrutural agudo



Fonte: Dados e previsões PIB da AMECO

Cálculos PIB tendencial do GE PSD

## A descida significativa do PIB tendencial ocorreu nos últimos dez anos e não tem sido invertida

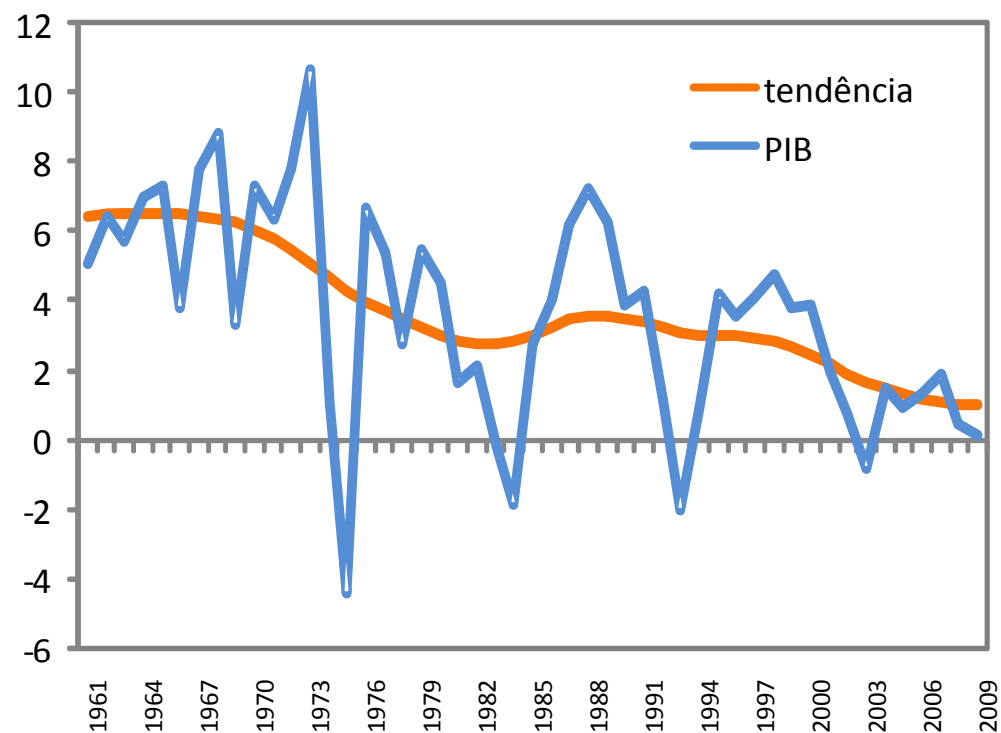
Quando se divide o Produto Interno Bruto (PIB) português entre a sua componente estrutural e a sua componente conjuntural, verifica-se que a redução da componente estrutural é a principal causa para o crescimento baixo da economia.

A redução da capacidade de crescimento potencial da economia acentuou-se a partir do final dos anos 1990.

Nos períodos em que o resto do mundo cresce a ritmos elevados, a economia portuguesa demonstra falta de dinamismo. As dificuldades da economia portuguesa são, sobretudo, próprias e não importadas.

A demonstrá-lo está o crescimento lento do PIB português desde 2004, que constitui a mais fraca recuperação de todas as crises da economia portuguesa desde há mais de cinquenta anos.

PIB e PIB tendencial (% ano)



Fonte: Dados e previsões PIB da AMECO

Cálculos tendência do GE PSD

# Portugal afasta-se da Europa e empobrece em termos relativos

Portugal tem-se vindo a distanciar dos países da União Europeia (UE).

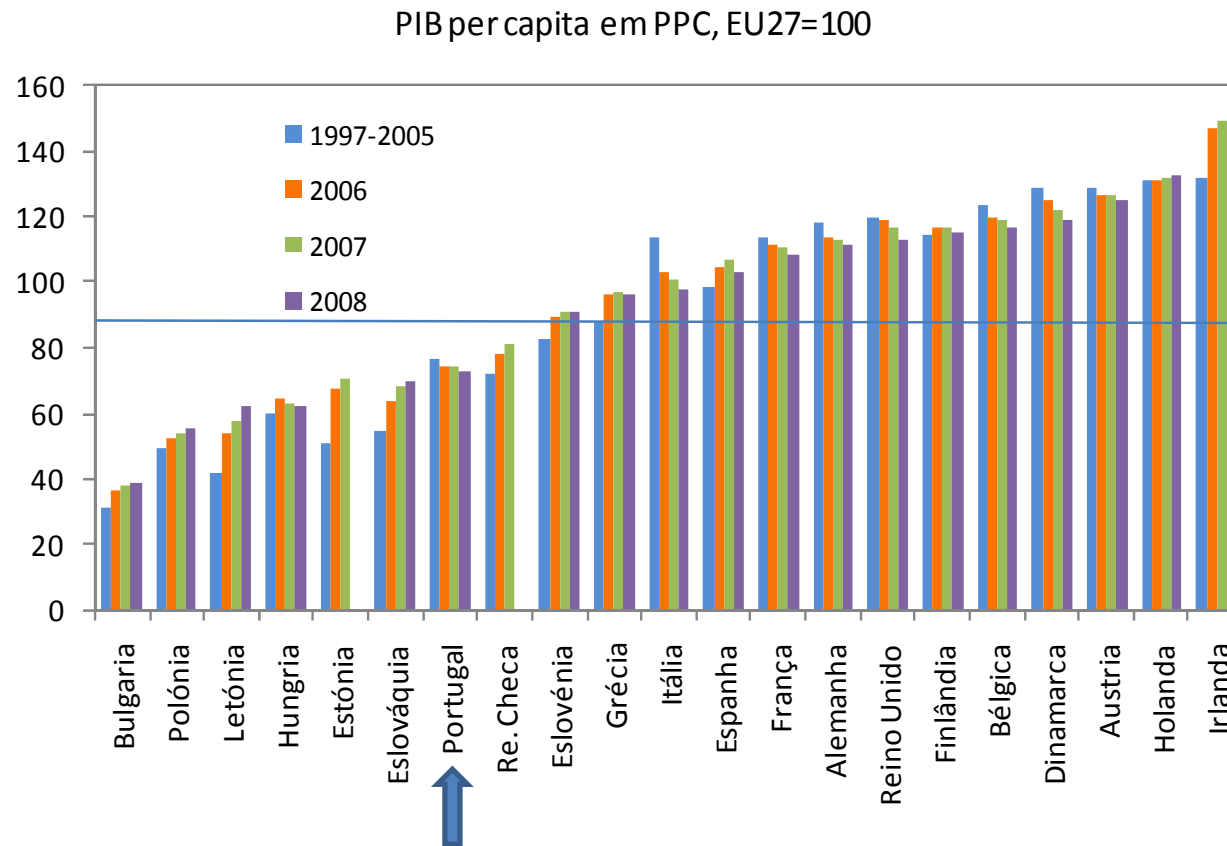
Entre 1985 e 2000, o PIB português cresceu, em média, muito acima dos países da Zona Euro; entre 2001 e o terceiro trimestre de 2008, o PIB português aumentou, em média, por ano, apenas metade do crescimento do PIB da Zona Euro. No ponto em que o país agora se encontra, pode seguramente afirmar-se que a década 2000-2010 é uma década de atraso, de regressão.

No conjunto dos 27 países da UE, nos últimos 10 anos, Portugal apenas cresceu mais do que a Itália. Mas mesmo neste caso Portugal pode ser ultrapassado (porque a participação do factor trabalho na economia italiana é menor e tem espaço para aumentar).

Desde 1997 que o PIB per capita português se deteriorou em relação à média da União Europeia. Portugal está hoje abaixo de países como a República Checa e a Eslovénia. Em 2009 deverá ser ultrapassado pela Eslováquia e pela Estónia.

Enquanto o rendimento per capita cresceu muito pouco, a economia endividou-se para níveis insustentáveis.

# O poder de compra em Portugal é inferior a muitos países de Leste e está a degradar-se



Fonte: Eurostat, 2008 é previsão

# O que faz a economia portuguesa crescer pouco?

A contribuição (em quantidade) do factor trabalho para o crescimento do PIB é, em Portugal, comparável à de outros países desenvolvidos.

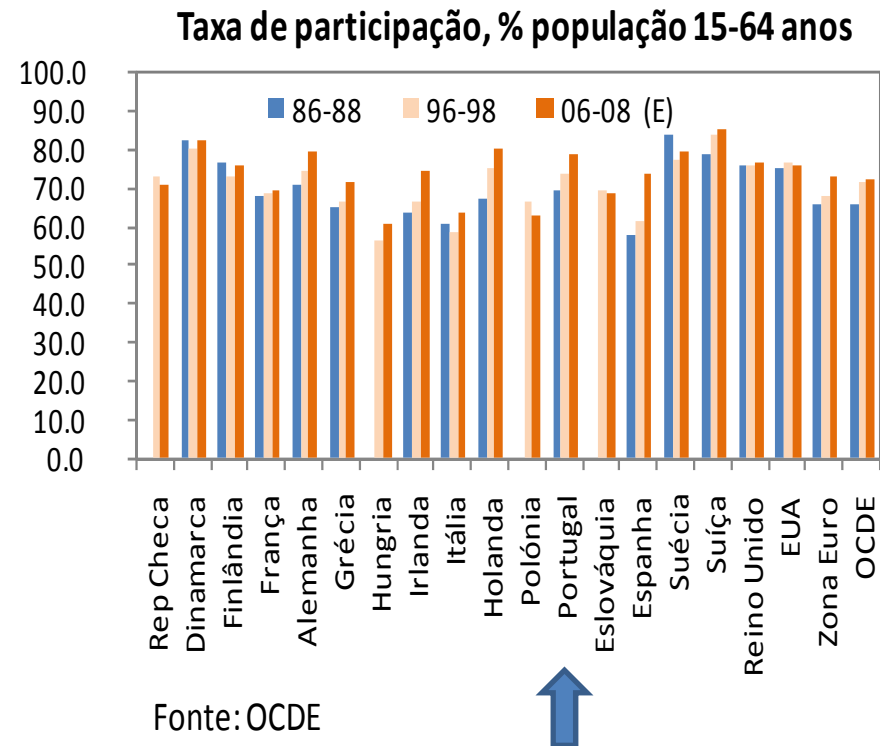
Este resultado deve-se, sobretudo, a duas razões: a população activa tem vindo a crescer; a taxa de participação no mercado de trabalho da população tem vindo a aumentar, passando de 73.4% em 1996-98 para 78.2% em 2006-08.

Contudo, quando se olha para o futuro, antevê-se que a contribuição do trabalho para impulsionar o crescimento económico é em Portugal limitada.

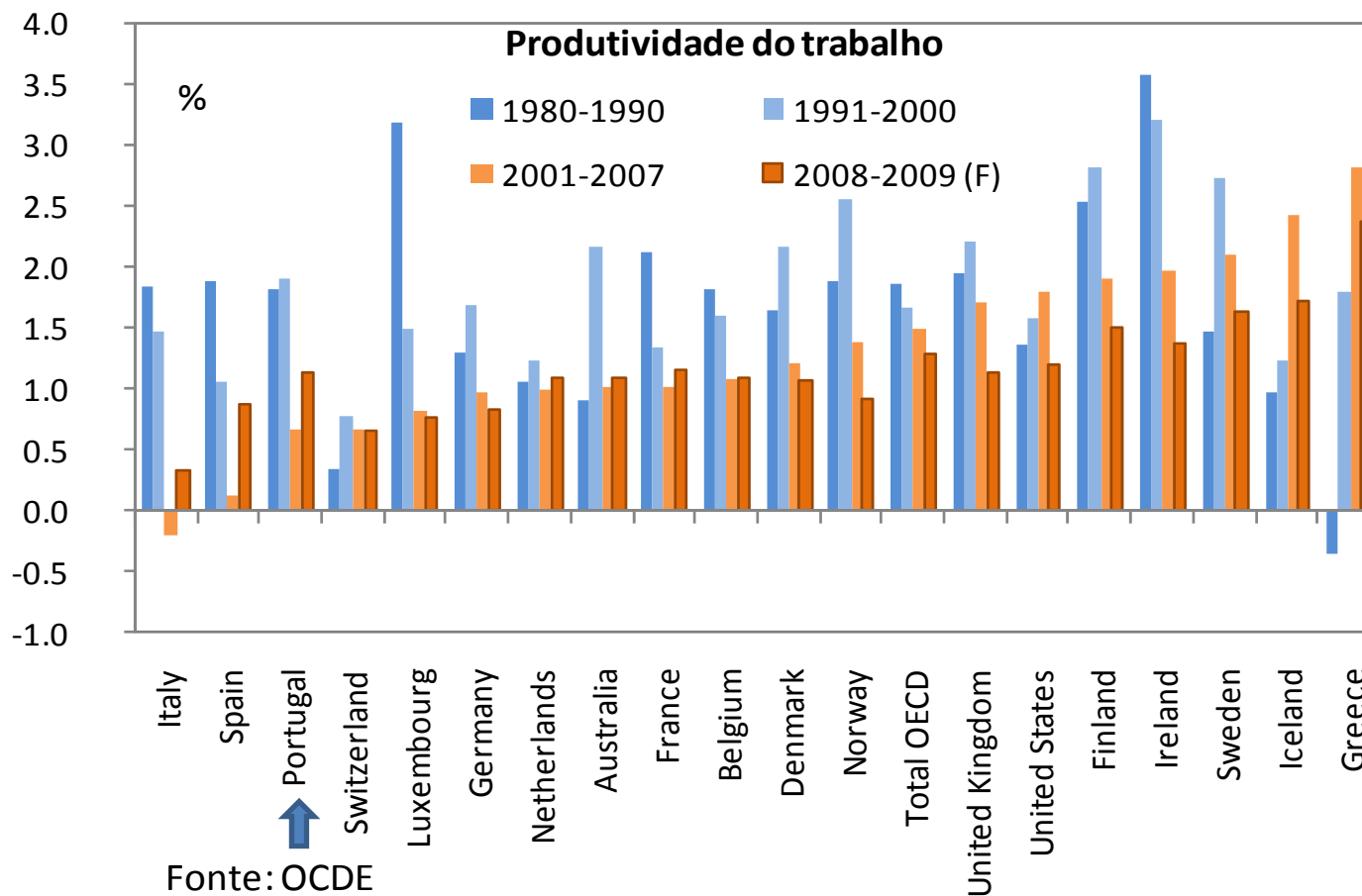
Porque a taxa de participação no mercado de trabalho da população activa é já de si uma das maiores da OCDE, o que reflecte em larga medida a elevada participação das mulheres portuguesas no mercado de trabalho, com reflexos negativos sobre a nossa taxa de natalidade;

Porque a evolução demográfica, favorável a Portugal nas últimas décadas, é hoje adversa. Em 2007, a taxa natural de crescimento da população foi negativa (taxa de natalidade muito baixa e inferior à taxa de mortalidade). O envelhecimento da população é notório e tem efeitos muito negativos quer na parcela da população activa, quer na própria sustentabilidade do Estado Social;

Porque a falta de oportunidades e políticas erradas têm originado o acréscimo da emigração e a diminuição da imigração. Realce-se que, contrariamente ao fenómeno migratório dos anos 60, hoje, uma parte crescente da população que abandona o país tem níveis de qualificação superiores, sobretudo entre os jovens; um estrato etário com uma elevada taxa de desemprego (aproximadamente 1 em cada 5).



# O crescimento da produtividade do trabalho em Portugal é baixo





# A Produtividade total dos factores estagnou relativamente a 2000

A principal causa da quebra do produto potencial da economia está na contribuição negativa, contínua desde 1998, da produtividade total dos factores (PTF).

Portugal tem de melhorar a Produtividade Total dos Factores:

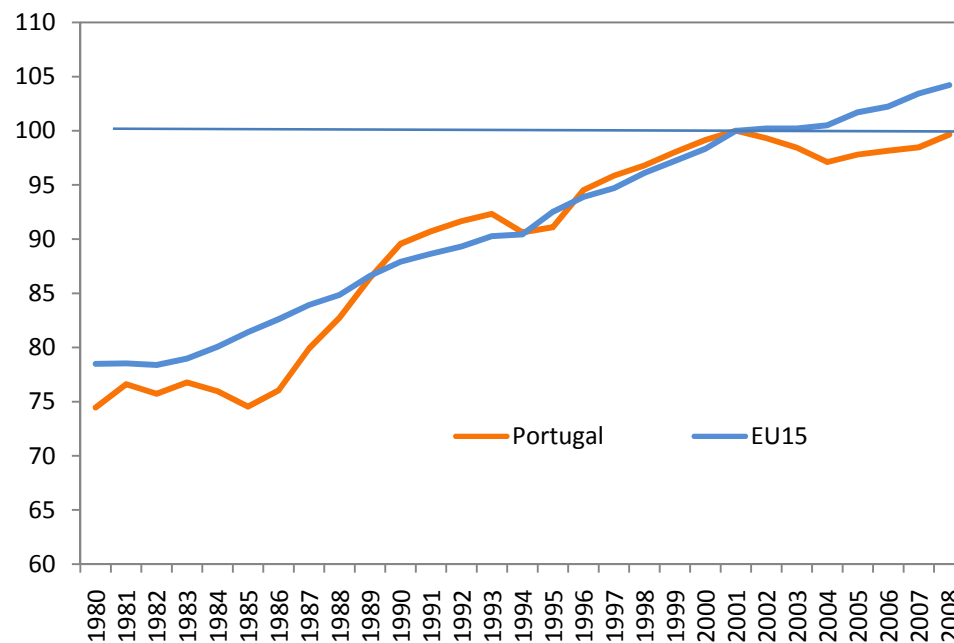
Reformando (o que se anuncia mas não se faz) o Estado, que subtrai cada vez mais recursos à economia; libertando a economia da influência de governos que usam o poder para controlar a iniciativa da sociedade civil;

Promovendo a inovação, a criação e o crescimento de novas empresas;

Promovendo a melhoria dos recursos da economia (um sistema de educação rigoroso e moderno; uma verdadeira formação profissional);

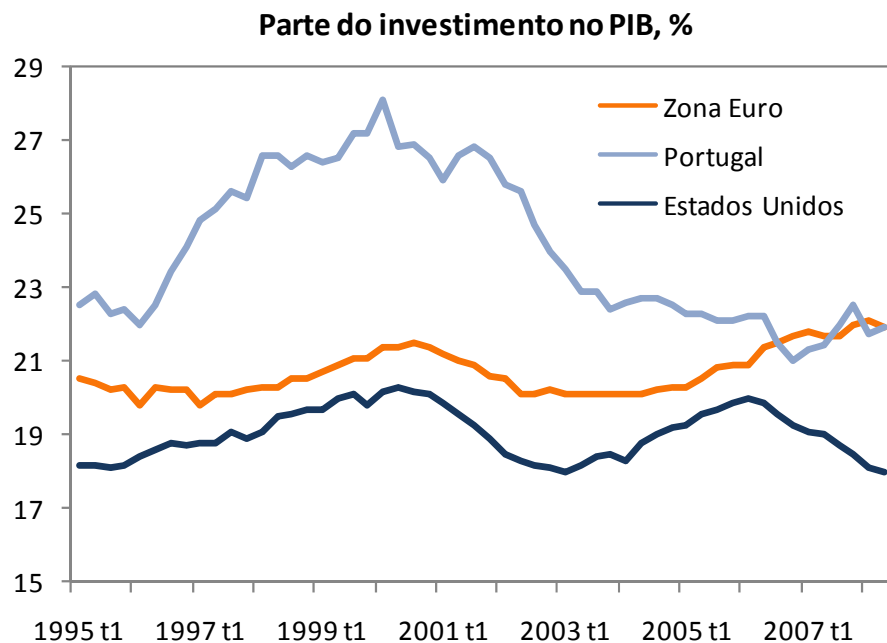
Promovendo a eficiência na utilização dos recursos (mais concorrência, em vez do domínio de empresas instaladas, melhorias na gestão, maior mobilidade dos recursos para sectores de rápido crescimento).

Produtividade total dos factores, 2000=100

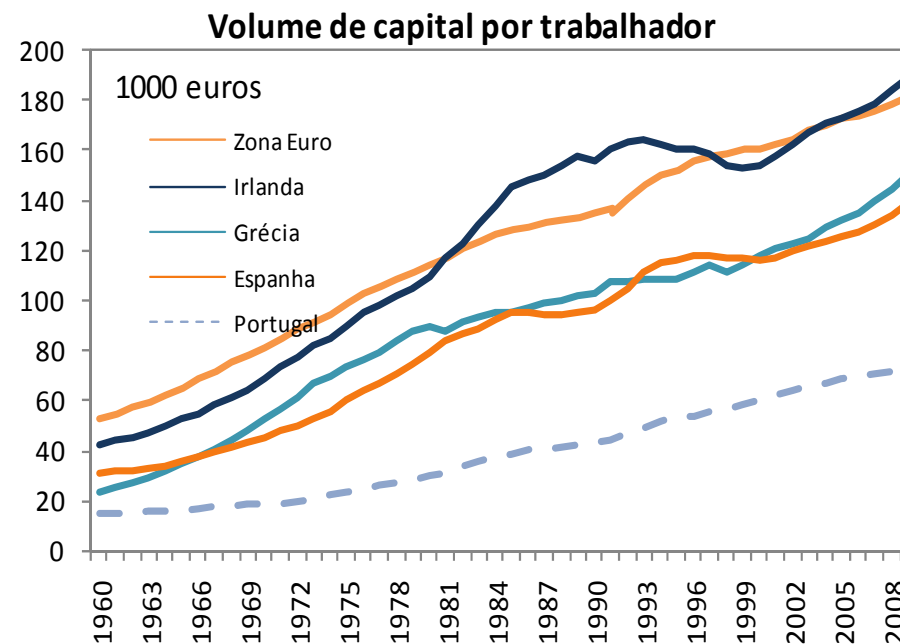


Fonte: AMECO

## A intensidade de capital é baixa e a diferença face à Zona Euro acentuou-se



Fonte: Eurostat



Fonte: dados e previsões AMECO

Entre 1995 e 2007 Portugal teve taxas de investimento superiores às da média da Zona Euro.

Ainda assim, a intensidade de capital por trabalhador em Portugal é muito baixa e cresce a um ritmo mais lento do que na zona Euro e, em particular, do que na Irlanda, Grécia e Espanha.

Isto deve-se ao facto de o investimento realizado em Portugal não ter servido para aumentar a capacidade produtiva útil da economia (exemplo: investimento imobiliário excessivo).

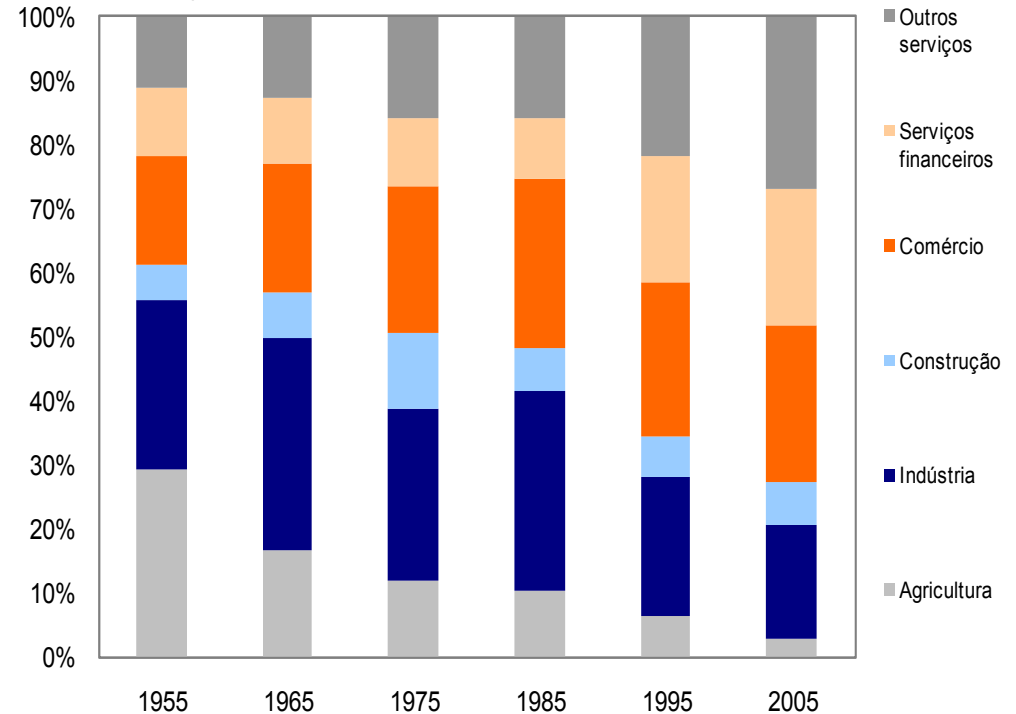
# Portugal não consolidou a indústria exportadora e passou para uma economia de serviços, menos produtiva

Portugal passou muito rapidamente de uma economia predominantemente agrária para uma sociedade de serviços, sem dar tempo a consolidar a industrialização, estágio que potencia elevados ganhos de produtividade.

O movimento de concentração de recursos nos serviços implica a desaceleração da produtividade total dos factores (PTF), o que limita o crescimento potencial da economia nacional.

Acresce que os serviços, por serem também menos eficientes em termos energéticos, pesam desproporcionalmente na balança corrente. Portugal é dos países mais dependentes de energia e ineficiente no seu uso.

Quota-parte dos diferentes sectores no Valor Acrescentado total



Fonte: BdP, INE.

# Preços de serviços internos mais caros que na Europa

Em Portugal alguns dos principais sectores e empresas acumulam protecções:

Protecção da concorrência internacional. Energia, água, transportes ferroviários, serviços portuários e aeroportuários, telecomunicações fixas, seguros, serviços bancários, utilização de auto-estradas, todos são em Portugal caros e onde persistem práticas não competitivas;

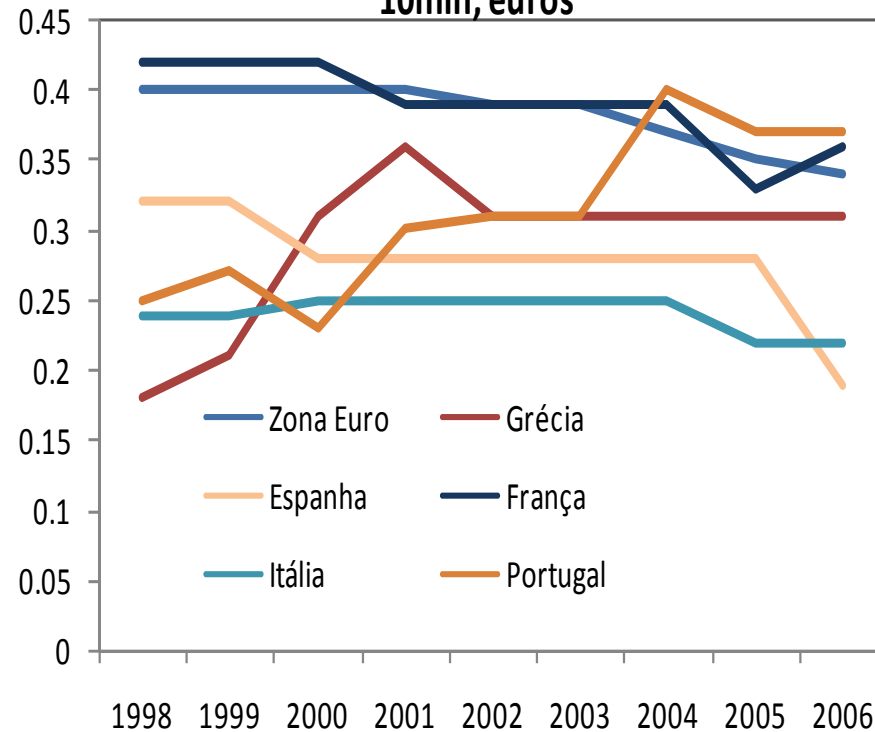
Protecção dos incumbentes pelo governo por motivos vários: enquanto accionista, golden share, argumento de empresa estratégica, proximidade do poder, puro dirigismo. O governo também exerce pressão sobre as entidades reguladoras da concorrência;

Aumento dos monopólios estatais e privatizações revertidas.

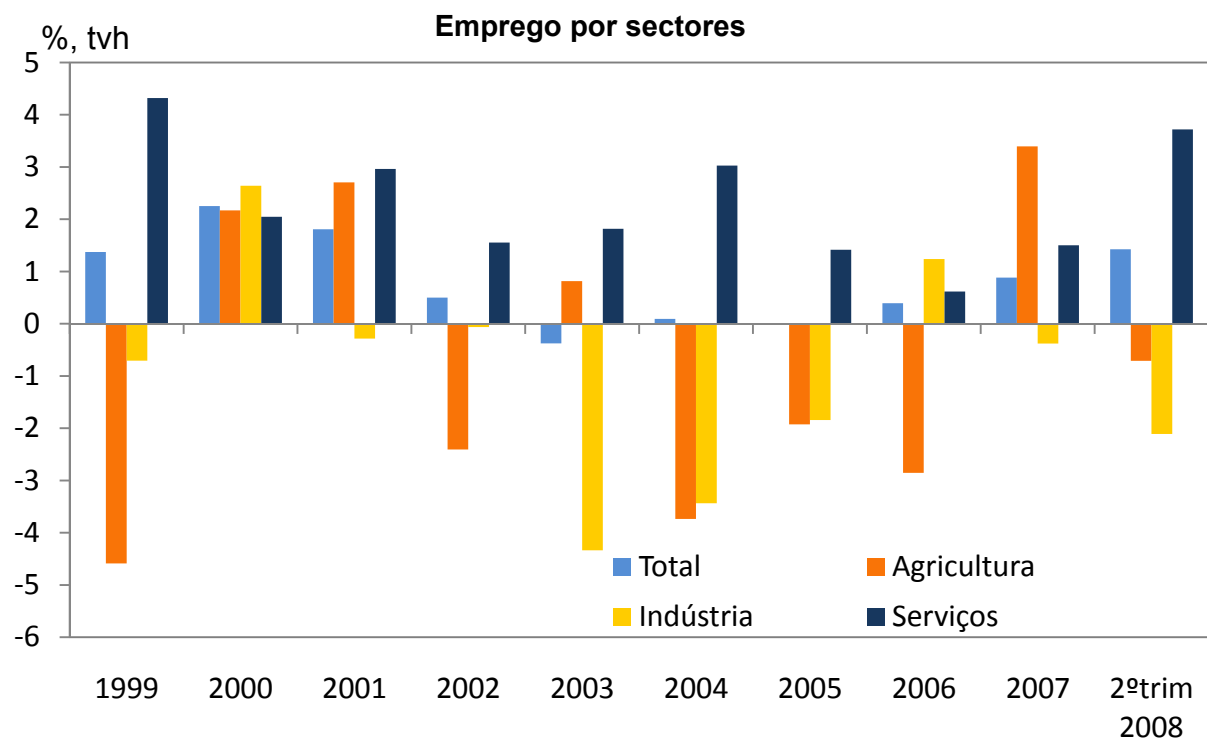
A baixa produtividade da economia deve muito a estes protecções acumulados.

O ónus destes protecções faz-se também sentir nos consumidores (poder de compra e qualidade do serviço mais baixos) e nas empresas que estão expostas à concorrência externa (pagam custos mais elevados).

Preços das telecomunicações, chamadas locais  
10min, euros

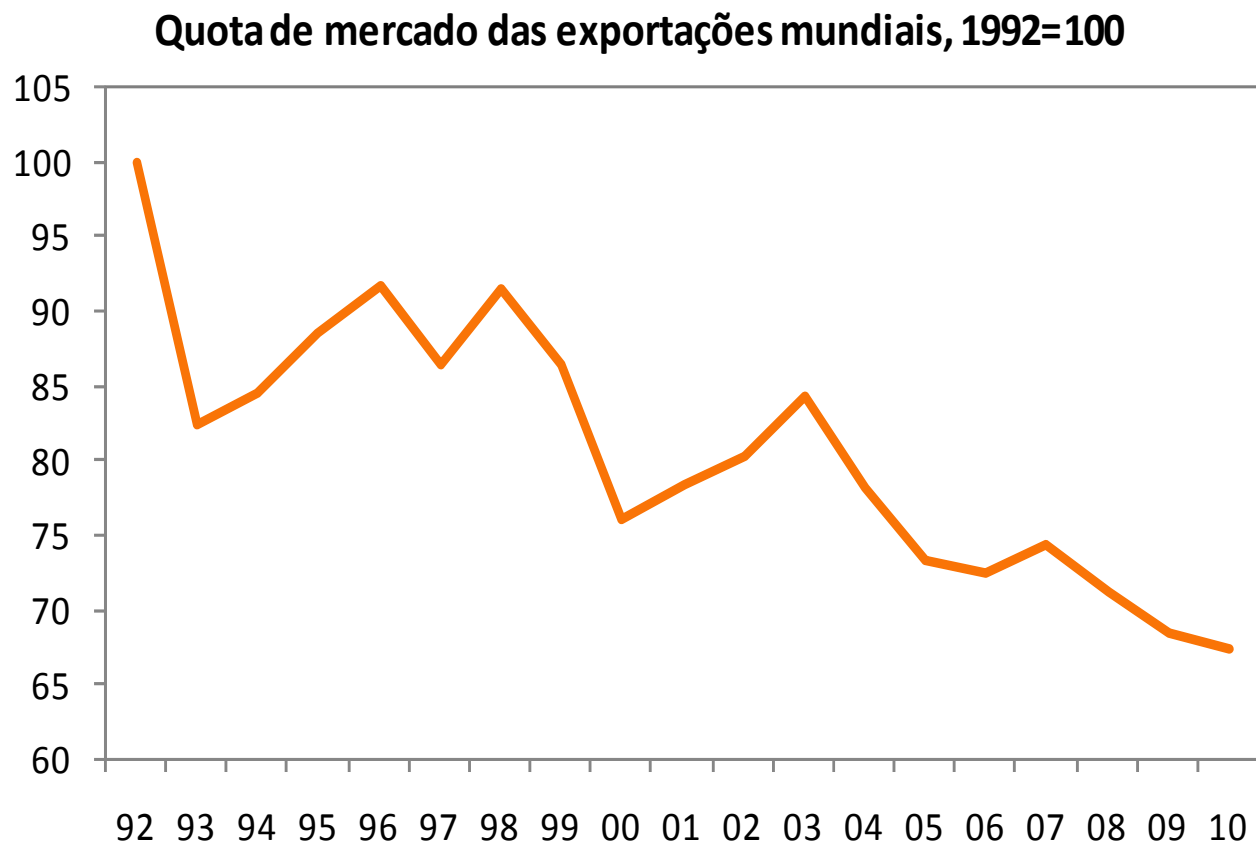


## O Emprego nos sectores mais competitivos da economia continua a descer



O peso dos bens não transaccionáveis na economia continua a aumentar, acentuando o desequilíbrio face aos bens transaccionáveis, como se comprova pela criação de emprego em ambos os sectores. Para viabilizar as empresas que concorrem nos mercados internacionais, são prioridades a redução das ineficiências do Estado e o aumento efectivo da concorrência nos sectores dos bens não transaccionáveis, sobretudo naqueles com tendência para a formação de posições dominantes.

## Portugal tem vindo a perder quota de mercado



Fonte: dados e previsões da AMECO

## Portugal exporta sobretudo produtos com pouca tecnologia...e a China é já o terceiro maior concorrente para exportações portuguesas

Partes nas exportações					
tecnologia	Mundo	Portugal	Espanha	Irlanda	Grécia
Alta	26.0	10.8	10.6	57.7	10.6
Média-alta	35.6	31.2	46.6	26.3	15.9
Média-baixa	17.5	15.6	19.6	2.5	32.5
Baixa	20.9	42.4	23.1	13.5	41

Fonte: Boletim económico, Outono 2007, Banco de Portugal

### Concorrentes em 95-05

França	Itália	Grécia	Portugal	Espanha
ALE	ALE	ALE	ALE	ALE
HOL	CHN	ITA	FRA	FRA
EUA	FRA	FRA	CHN	EUA
GBR	EUA	HOL	ITA	HOL
ITA	HOL	CHN	HOL	ITA
JAP	GBR	EUA	GBR	EUA

Fonte: UN COMTRADE, FMI

Importância dos concorrentes para cada país determinada pela parte das exportações em cada destino

O problema das exportações portuguesas é estarem muito concentradas em sectores de baixa tecnologia, muito vulneráveis à concorrência dos países emergentes. Acresce que muitas empresas não controlam os circuitos comerciais e não estão presentes nos mercados geográficos de rápido crescimento. A política do governo de dar prioridade ao mercado espanhol foi um erro.

# Portugal investe pouco em software e muito em construção

O maior problema do investimento em Portugal não é a falta deste, mas o estar orientado para fins que não contribuem para aumentar a capacidade produtiva da economia.

Para reduzir o défice de produtividade com os outros países, Portugal deveria, em % do PIB, investir em capital que aumentasse e modernizasse a sua capacidade produtiva.

Tomando a quota de mercado das importações mundiais de produtos manufacturados como um indicador do investimento em equipamento, observa-se que a China e os países do leste da UE tiveram um forte aumento deste indicador, enquanto que em Portugal este caiu entre 1995 e 2006.

Este facto compromete o comportamento a prazo das exportações nacionais e as expectativas de se obterem ganhos de competitividade nos mercados externos.

Investimento por sector em % do investimento não residencial total, média 95-05

	Bélgica	Dinamarca	Finlândia	França	Alemanha	Grécia	Irlanda
Agricultura, metais e máquinas	48.2	40.1	36.7	35.3	41.6	31.1	30.0
Transportes	14.3	15.3	9.6	11.5	14.1	16.6	21.7
Construção não resid.	32.1	34.1	44.6	42.3	36.3	50.2	46.1
Software	5.4	10.6	9.2	11.0	6.1	2.1	
	Itália	Holanda	Portugal	Espanha	Suécia	Reino Unido	EUA
Agricultura, metais e máquinas	42.8	40.1	38.7	30.6	43.7	43.7	35.9
Transportes	12.2	12.8	14.8	12.7	10.0	10.7	11.6
Construção não resid.	31.2	38.5	45.1	50.7	32.2	32.8	34.2
Software	4.7	8.7	1.4	4.7	14.2	12.7	13.1

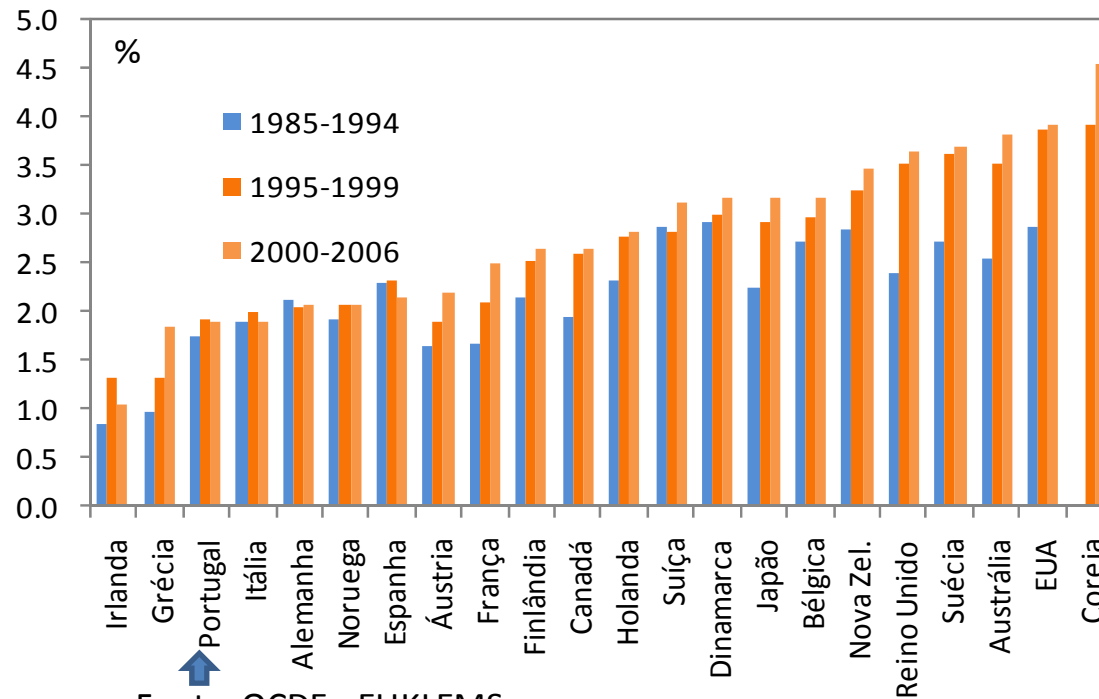
Fonte: OCDE





# Portugal investe pouco em Tecnologias de Informação e Telecomunicação (TIC)

Parte do investimento em TIC no PIB



Fonte: OCDE e EUKLEMS

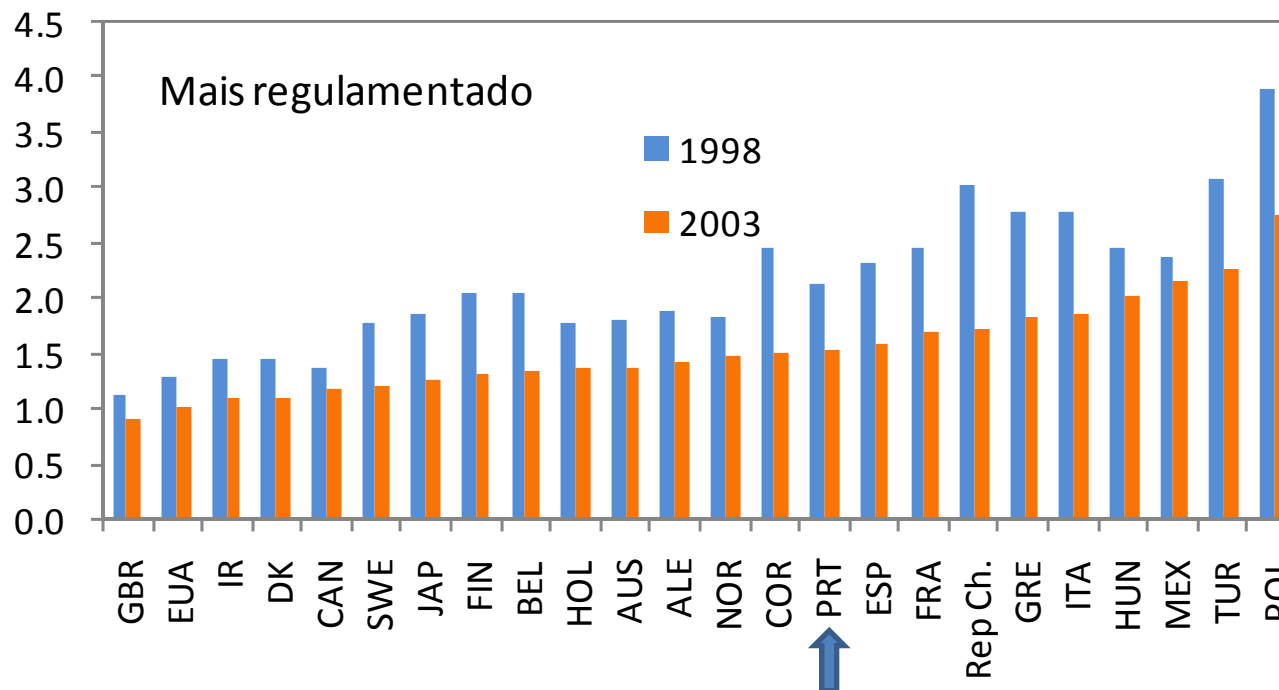
Portugal investe pouco em TICs, sintoma de falta de modernização. Um ambiente de verdadeira e sã concorrência contribui mais para que as empresas tomem as decisões de investimento correctas do que subsídios e favores do governo, que servem principalmente para fomentar comportamentos oportunistas e para criar distorções.

# Regulamentação elevada em Portugal

Portugal tem excesso de regulamentação, o que onera a actividade empresarial e dá um poder desproporcional ao Estado.

Muita e complicada regulamentação cria custos excessivos e oportunidades de corrupção

### Regulamentação de mercados, índice 0-6



Fonte: OCDE

No *Global Competitiveness Indicator* de 2008, Portugal situa-se em 74ª posição no Peso da Regulamentação Governamental. A posição relativa tem piorado.

# Pouca criação empresarial

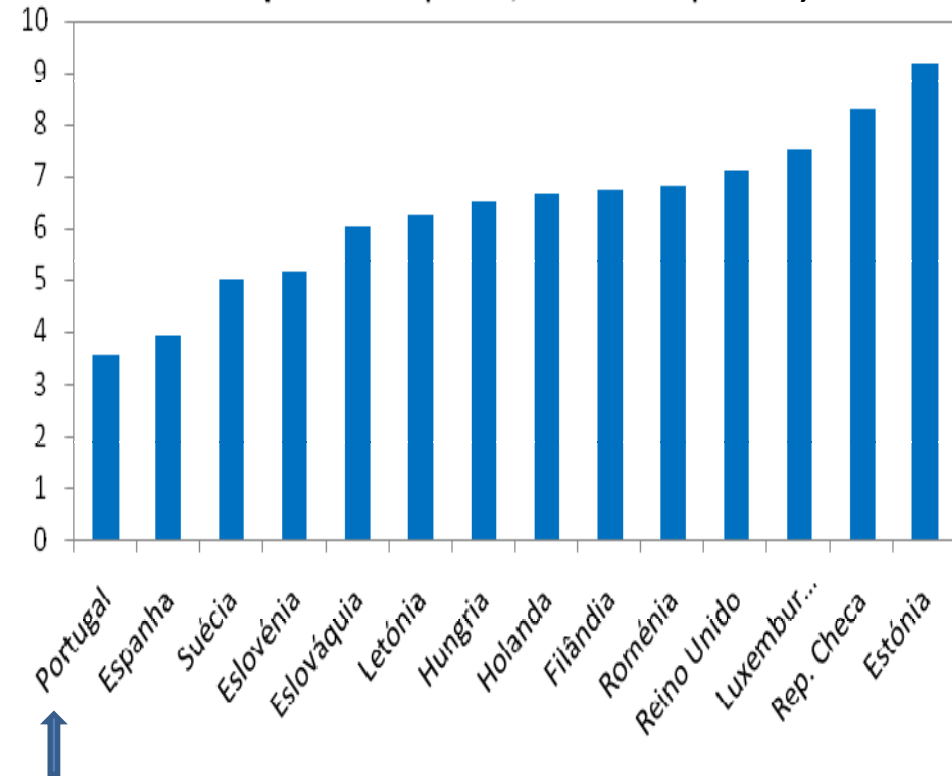
Economias que favorecem quem está instalado envelhecem. Deve-se passar a dar mais atenção às PME viradas para os mercados internacionais.

A falta de dinamismo demográfico empresarial contribui para a baixa produtividade da economia. O investimento em inovação, que gera ganhos de produtividade na economia, faz-se muito através da criação e crescimento de empresas com novas tecnologias de produção, administração e organização, que tornam obsoletas as tecnologias e as empresas existentes.

As estatísticas de demografia empresarial mostram que Portugal se situa na cauda da Europa no que toca ao dinamismo da demografia empresarial.

As empresas instaladas e protegidas tendem a tornar-se complacentes. Pelo contrário, nas economias dinâmicas as empresas líderes de amanhã ainda hoje estão para nascer.

Entrada líquida de empresas, % No de empresas , 95-05



Segundo o *World Bank*, a entrada e saída de empresas na economia contribui entre 20%-50% para os ganhos de produtividade total da economia.

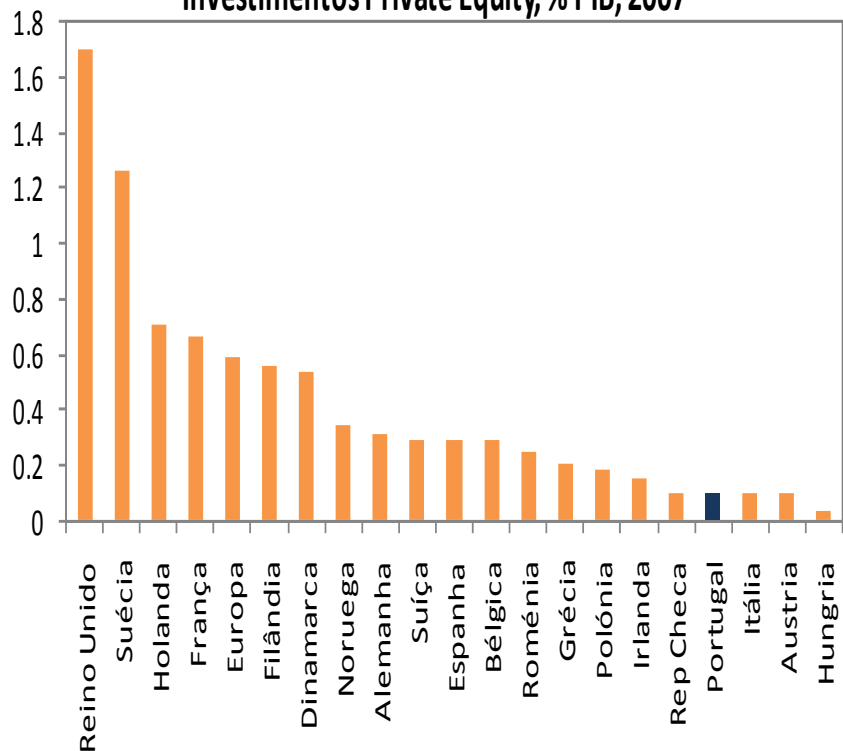
# Pouco investimento de risco em Portugal

Estatísticas sobre Business angels, 2007

	Nº associações	Nº deals	Investimentos milhões Euros
Bélgica	3	35	7.0
Finlândia	1	10	5.0
França	54	214	37.0
Itália	-	102	19.5
Catalunha	9	11	2.5
Suécia	22	99	15.0
Holanda	8	75	6.2
<b>Portugal</b>	<b>9</b>	<b>11</b>	<b>1.6</b>
Reino Unido	22	388	22.6
Escócia	18	21	20.5

Fonte: European Business Angel Network

Investimentos Private Equity, % PIB, 2007



Perep\_Analytics, European Venture Capital Association

Os sistemas financeiros tradicionais tendem a privilegiar os negócios com as empresas instaladas e conhecidas. Uma economia moderna e aberta conta, sobretudo, com um sistema financeiro que permite viabilizar o empreendedorismo e a inovação.

## Portugal em 22º lugar, entre 27 países Europeus, no “Doing Business” 2008

	Geral	Criação de empresas	Autorização construção	Contratar Trabalhadores	Registrar propriedade	Financiam ento	Proteger investidor	Impostos	Comércio externo	Respeito por contractos	Fechar empresas
New Zealand	1	1	1	4	1	2	1	2	13	9	14
United States	2	5	7	1	5	2	2	13	8	4	12
Denmark	3	8	2	3	14	5	9	3	1	16	6
United Kingdom	4	6	21	8	9	1	5	5	14	15	8
Ireland	5	4	10	10	23	5	2	1	10	20	5
Canada	6	2	9	6	11	13	2	8	20	24	3
Australia	7	3	20	2	12	2	11	14	21	12	11
Norway	8	14	22	18	3	17	8	6	4	5	2
Iceland	9	9	8	13	7	13	15	10	17	2	13
Japan	10	20	12	5	16	5	6	24	9	13	1
Finland	11	10	14	20	8	13	11	22	2	3	4
Sweden	12	13	4	19	4	23	11	11	3	23	15
Belgium	13	11	15	9	27	17	6	16	19	14	7
Switzerland	14	18	11	7	6	5	27	7	18	17	21
Korea	15	25	6	24	21	5	15	12	6	6	10
Germany	16	23	3	22	17	5	18	19	5	7	20
Netherlands	17	17	26	17	10	17	21	9	7	18	9
Austria	18	24	17	11	13	5	25	21	11	11	17
France	19	7	5	23	26	17	15	17	12	8	23
Slovakia	20	16	19	15	2	5	21	26	27	21	22
Hungary	21	12	25	16	18	13	23	23	25	10	26
<b>Portugal</b>	<b>22</b>	<b>15</b>	<b>27</b>	<b>26</b>	<b>22</b>	<b>25</b>	<b>10</b>	<b>18</b>	<b>16</b>	<b>18</b>	<b>18</b>
Spain	23	27	18	25	15	17	18	20	23	22	16
Luxembourg	24	21	13	27	25	25	23	4	15	1	25
Italy	25	19	23	14	19	24	11	27	24	27	19
Czech Republic	26	22	24	12	20	17	18	25	22	26	27
Greece	27	26	16	21	24	25	26	15	26	25	24

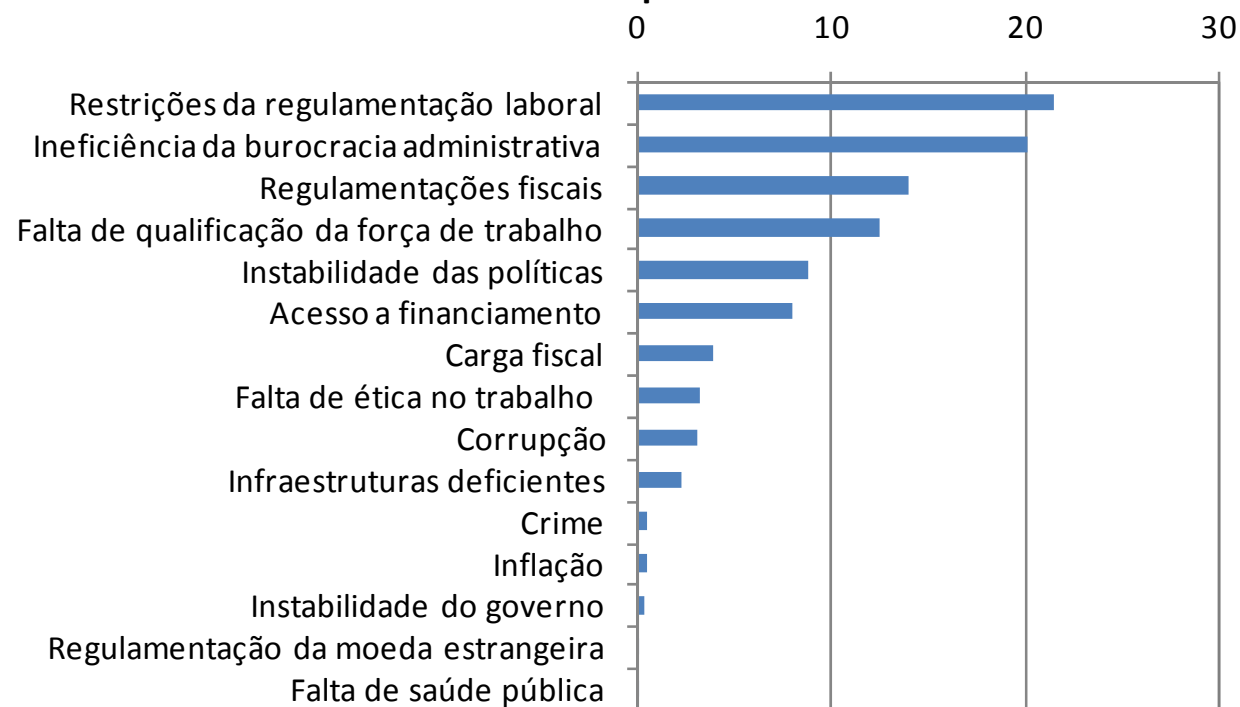
Fonte: World Bank

# Portugal desce no *Global Competitiveness Indicator* em 2008, para nº 43



# Leis laborais e burocracia são factores problemáticos

Os factores mais problemáticos para fazer negócio em Portugal,  
% de respostas



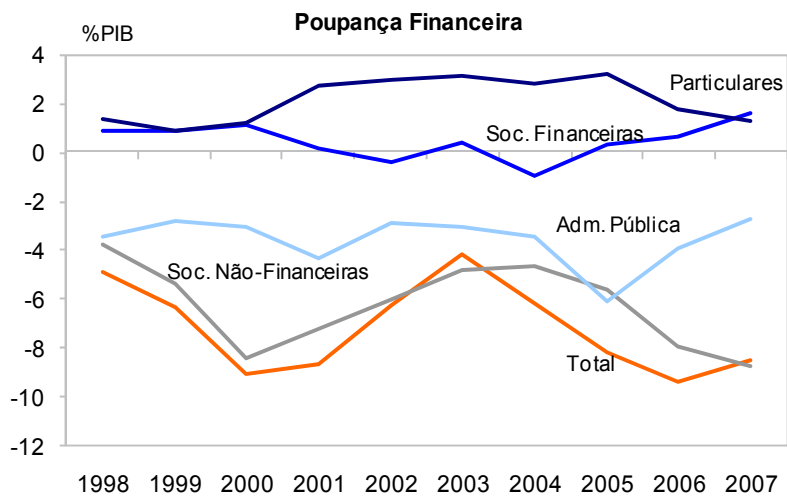
Fonte: World Economic Forum

# A situação actual

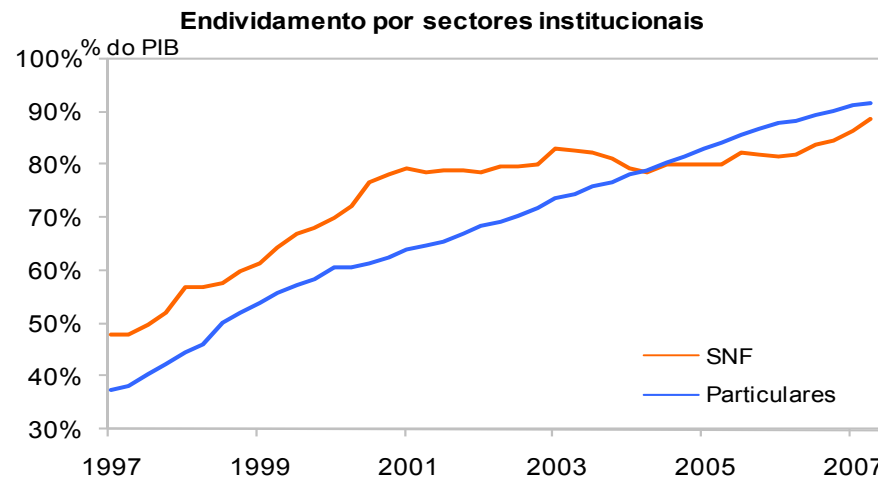
- Uma economia em declínio
- **Um país endividadíssimo**
- Um Estado pesado e opressor
- Uma sociedade cada vez mais desigual



# Níveis muito baixos de poupança e elevado endividamento



Fonte: BdP.



Fonte: BdP.

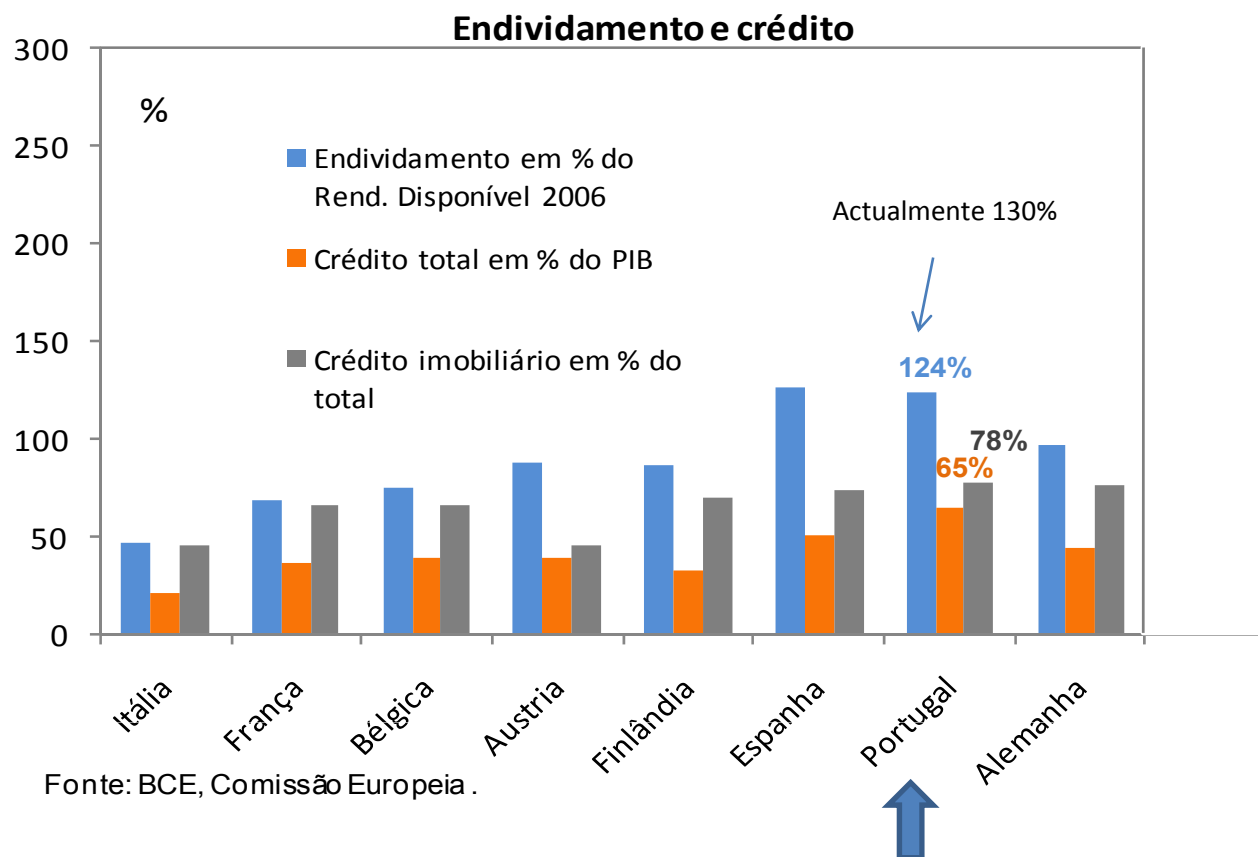
A situação orçamental do Estado aparenta uma melhoria que não é real: conseguida com grande aumento das receitas (fiscais e extraordinárias) e sem controlo do lado da despesa, que também aumentou. Segundo o Programa de Estabilidade e Crescimento 2008-2011, a dívida pública vai aumentar de 58.3% do PIB para 69.7% do PIB entre 2004 e 2009.

Agravamento acentuado do endividamento do sector empresarial. Claro sintoma de falta de competitividade, porque, nos últimos anos, o endividamento não tem servido para suportar investimento.

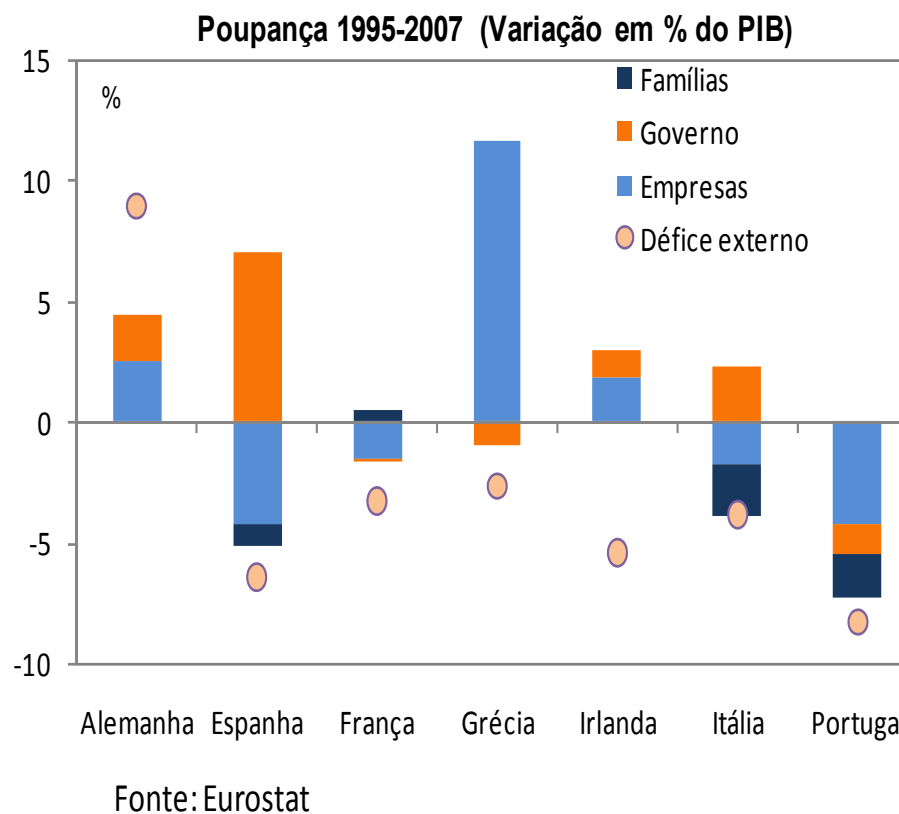
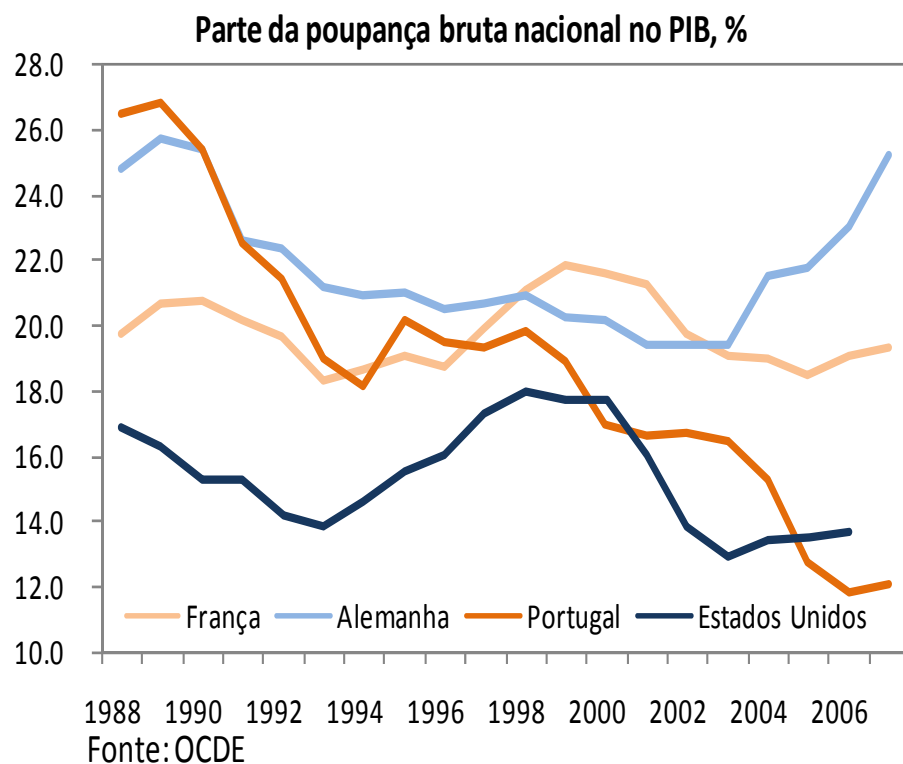
Redução da taxa de poupança de particulares com acentuado endividamento. Parcela do endividamento das famílias devida ao crédito imobiliário é das mais elevadas da Europa.

A vulnerabilidade de todos os sectores da economia à crise de 2007-08 nos mercados do crédito é evidente. É necessária uma consolidação urgente da situação financeira de todos os sectores, sem a qual a economia não consegue financiar-se a um custo razoável para crescer.

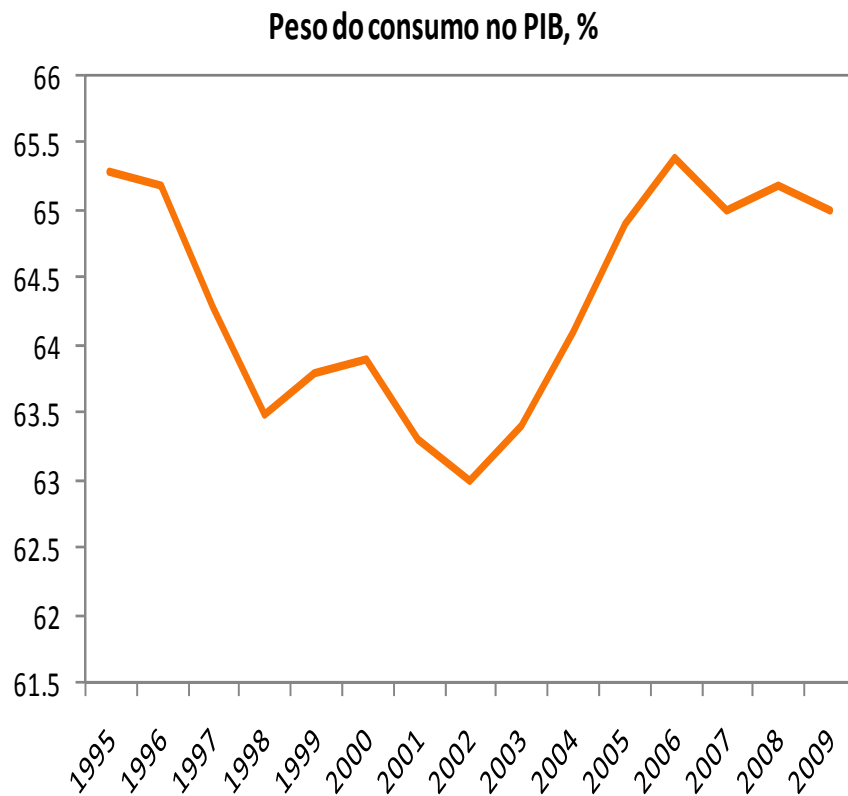
# Portugal apresenta um nível de endividamento preocupante e insustentável



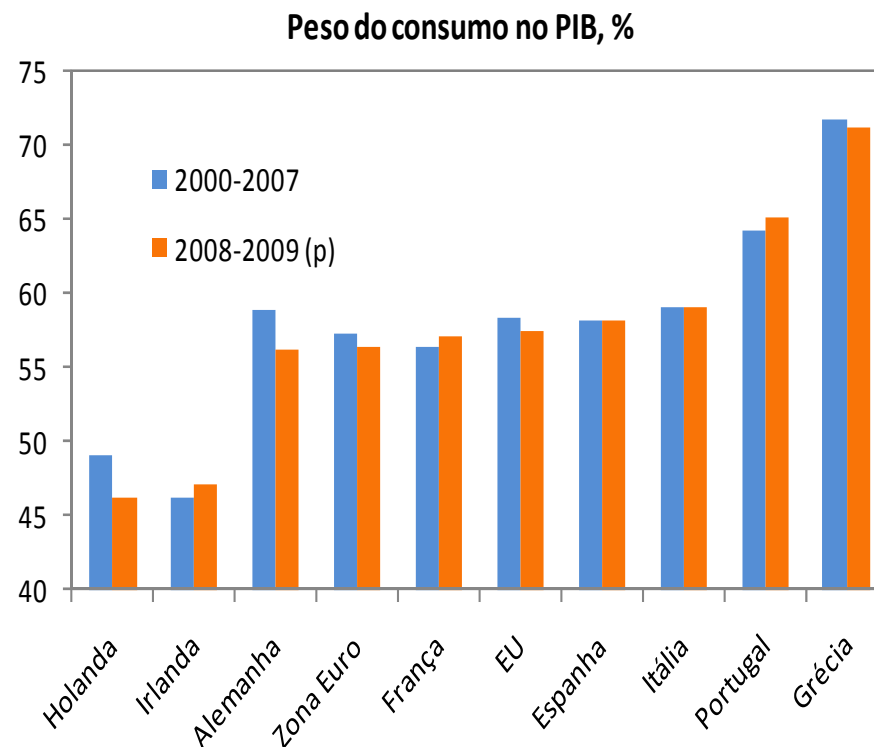
# A queda acentuada da poupança afecta todos os sectores da economia....



...e deve-se ao grande aumento do consumo:  
 O peso do consumo no PIB está ao nível mais elevado desde 1995



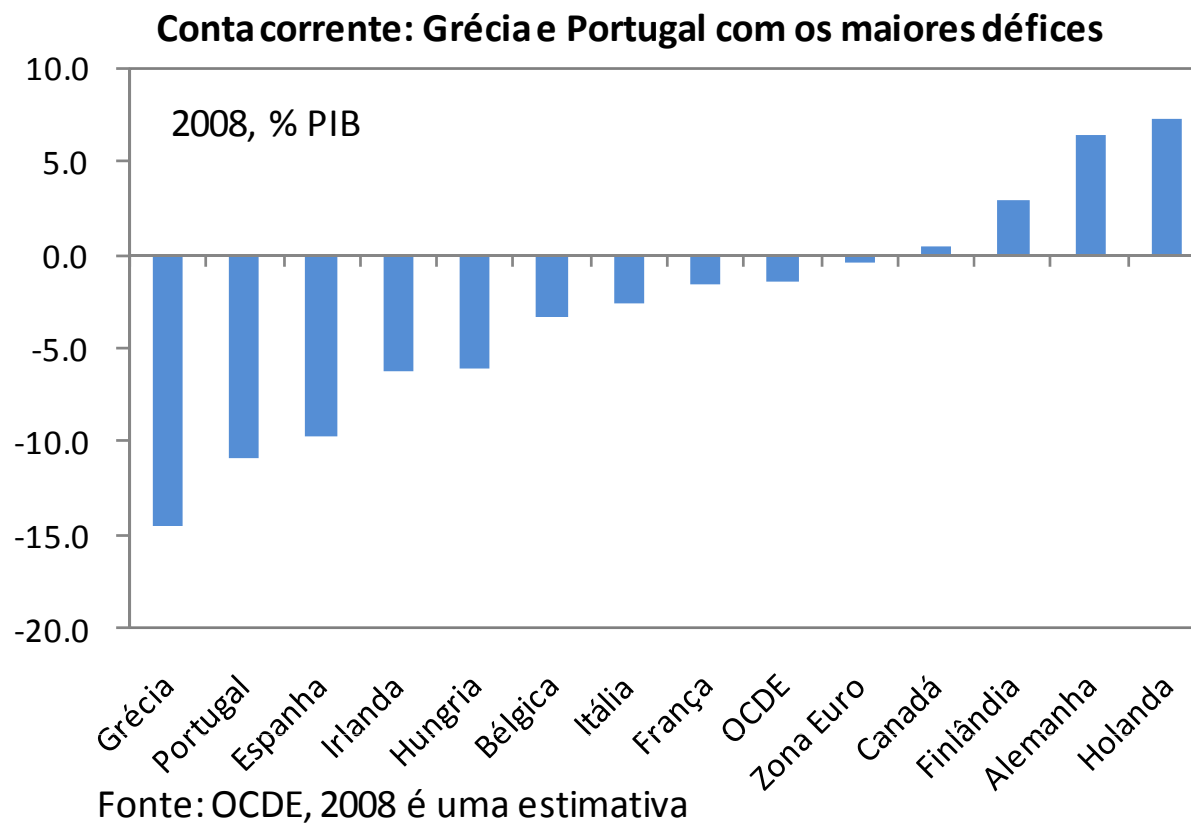
Fonte: Eurostat, (p) previsões Eurostat



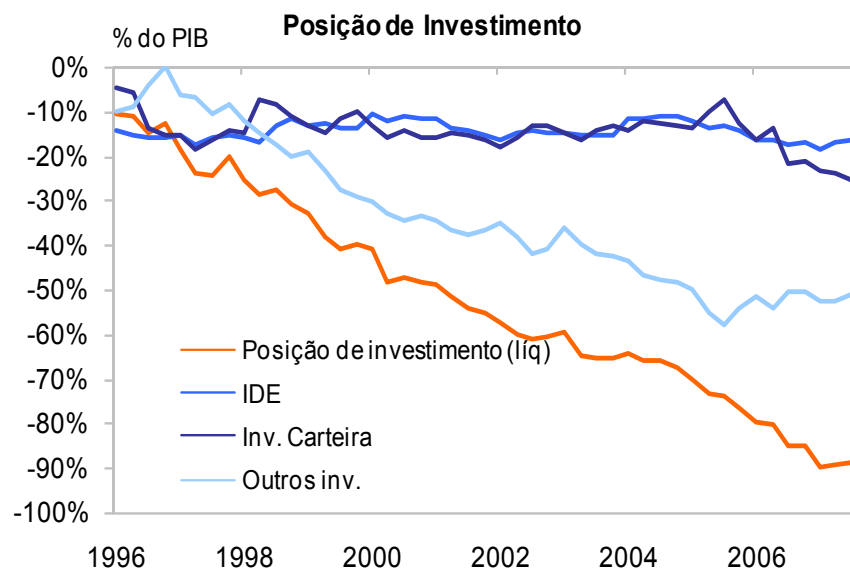
Fonte: Eurostat, (p) previsões Eurostat

O sector privado e o Estado não podem manter hábitos de consumo tão elevados. O Estado deveria ter seguido uma política de consumo público (despesas correntes) muito prudente e contrária à seguida pelo sector privado, induzida por taxas de juro do euro muito baixas.

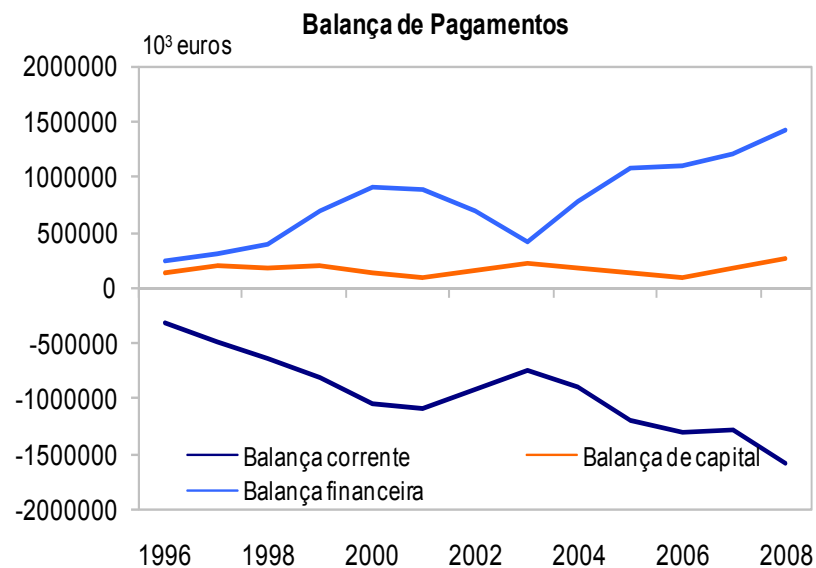
# Um país cada vez mais dependente da poupança externa: a balança corrente em queda contínua desde 1996



# A posição financeira externa nacional deteriorou-se muito nos últimos treze anos



Fonte: BdP.



Fonte: BdP.

Em 2008, Portugal deve ao exterior mais de 90% do PIB. Em 2010 prevê-se que a dívida externa ultrapasse os 100% do PIB.

Um investimento directo líquido negativo revela que se investe mais no estrangeiro do que o estrangeiro investe em Portugal.

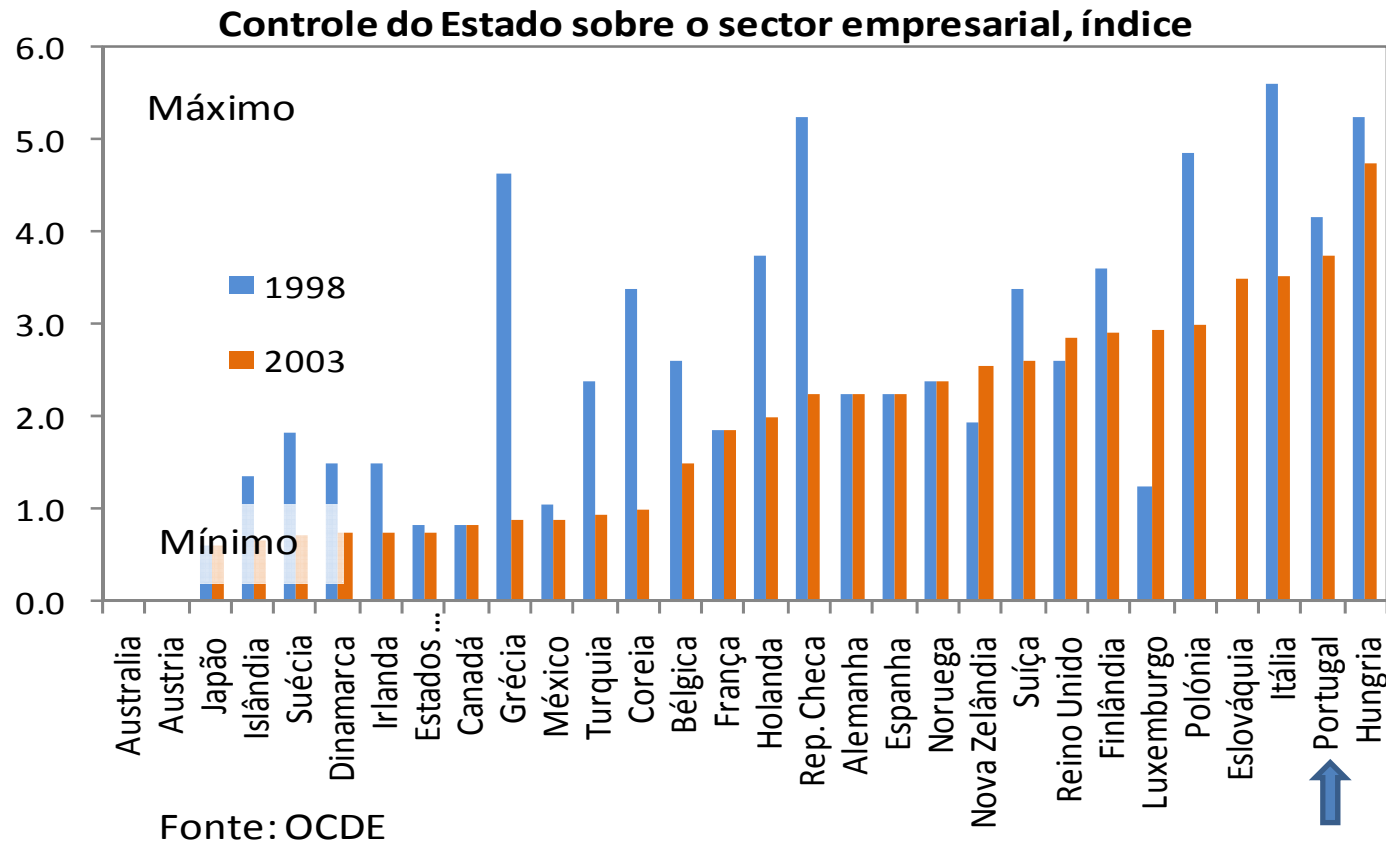
O endividamento nacional faz-se com recurso ao financiamento externo por parte dos bancos nacionais, que actuam como intermediários entre as poupanças do exterior e o investimento e, sobretudo, a antecipação do consumo dos portugueses.

O nível actual de endividamento externo exige o pagamento de juros e dividendos que representam entre 3.5 e 4% do PIB. Tem de se exportar bens e serviços nesse valor. Esta saída de recursos é tanto mais preocupante quanto o endividamento não serviu nem para aumentar nem para modernizar a capacidade produtiva da economia, antes tendo-se traduzido em consumo e em investimentos não produtivos. O ónus sobre as gerações vindouras cresce irremediavelmente.

# A situação actual

- Uma economia em declínio
- Um país endividadíssimo
- **Um Estado pesado e opressor**
- Uma sociedade cada vez mais desigual

# Peso do Estado: Portugal é o segundo país da OCDE onde o Estado tem mais controle sobre o sector empresarial



Direitos de votos especiais, limitações à venda de participações do Estado em empresas privadas, interferências nas decisões das empresas, reforço da dependência do sector privado do Estado. Desde 2003, o controle governamental aumentou muito e refinou-se.



# A despesa e dívida públicas em % do PIB sobem em 2009 para o valor mais alto desde 1974

Valores em % do PIB	2004	2005	2006	2007	2008	Base Comparável
						com os anos anteriores
						2009
1. Impostos sobre a produção e a importação	14.2	15.0	15.4	15.0	14.8	14.8
2. Impostos correntes sobre rendimento e património	8.5	8.4	8.8	9.8	9.9	9.8
3. Contribuições para fundos da Segurança Social	12.2	12.5	12.5	12.7	12.8	13.1
4. Outra receita corrente	4.7	4.1	4.5	4.8	4.6	5.8
<b>5. Total das receitas correntes (1+2+3+4)</b>	<b>39.6</b>	<b>40.1</b>	<b>41.2</b>	<b>42.3</b>	<b>42.1</b>	<b>43.5</b>
<b>6. Total das receitas de capital</b>	<b>3.6</b>	<b>1.4</b>	<b>1.1</b>	<b>0.9</b>	<b>1.4</b>	<b>2.4</b>
<b>7. Total das receitas (5+6)</b>	<b>43.1</b>	<b>41.6</b>	<b>42.3</b>	<b>43.2</b>	<b>43.5</b>	<b>45.8</b>
8. Consumo intermédio	4.0	4.2	4.1	4.1	4.5	4.6
9. Despesas com pessoal	14.1	14.4	13.6	12.9	12.8	12.8
10. Prestações sociais	17.6	18.5	18.8	19.2	19.5	20.8
11. Juros (PDE*)	2.6	2.6	2.7	2.8	3.0	3.3
12. Subsídios	1.5	1.6	1.4	1.2	1.1	1.9
13. Outra despesa corrente	2.1	2.1	2.2	2.0	2.2	2.3
<b>14. Total despesa corrente (8+9+10+11+12+13)</b>	<b>42.0</b>	<b>43.4</b>	<b>42.9</b>	<b>42.2</b>	<b>43.1</b>	<b>45.7</b>
15. Formação bruta de capital fixo	3.1	2.9	2.4	2.3	2.4	2.9
16. Outra despesa de capital	1.4	1.4	1.0	1.2	0.4	1.2
<b>17. Total da despesa de capital (15+16)</b>	<b>4.5</b>	<b>4.3</b>	<b>3.4</b>	<b>3.5</b>	<b>2.7</b>	<b>4.1</b>
<b>18. Total despesa (PDE*) (14+17)</b>	<b>46.5</b>	<b>47.7</b>	<b>46.3</b>	<b>45.7</b>	<b>45.8</b>	<b>49.8</b>
<b>19. Saldo das Administrações Públicas (PDE*) (7-18)</b>	<b>-3.4</b>	<b>-6.1</b>	<b>-3.9</b>	<b>-2.6</b>	<b>-2.2</b>	<b>-3.9</b>
<i>Por memória</i>						
<b>20. Despesa corrente primária</b>	<b>39.3</b>	<b>40.8</b>	<b>40.1</b>	<b>39.4</b>	<b>40.0</b>	<b>42.3</b>
<b>21. Despesa primária</b>	<b>43.8</b>	<b>45.1</b>	<b>43.5</b>	<b>42.9</b>	<b>42.7</b>	<b>46.4</b>
<b>22. Dívida Pública</b>	<b>58.3</b>	<b>63.6</b>	<b>64.7</b>	<b>63.6</b>	<b>65.9</b>	<b>69.7</b>
<b>23. PIB</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>

\* Procedimento dos Défices Excessivos

Fontes: INE, Ministério das Finanças e da Administração Pública, Unidade Técnica de Apoio Orçamental da Assembleia da República.

Nota: Os valores para 2007, 2008 e 2009 são os apresentados no PEC 2008-2011 (de Janeiro 2009) e no Orçamento Suplementar para 2009 (de Janeiro 2009).

# Programa insensato de investimentos públicos

## Previsão de encargos líquidos globais das PPP

*Do qual* *Valores em EUR milhões*

Ano	Total	Conc. Rodoviárias		Subconcessões Rodoviárias	Subtotal Conc. + Subconc.	Concessões Ferroviárias	PPP Área da Saúde
		Portagem Real	Portagem Virtual				
2008	476.7	-207.6	644.1	0.0	436.5	5.8	6.5
2009	685.7	57.9	677.3	-240.3	494.9	11.0	138.8
2010-2013	4 431.1	53.8	2 905.5	-505.4	2 453.9	146.7	1 653.4
2014-2017	7 261.2	19.8	2 945.8	1 826.7	4 792.3	0.0	2 299.3
2018-2021	6 633.8	-12.3	2 887.2	1 970.6	4 845.5	0.0	1 618.7
2022-2025	5 198.0	-45.6	2 696.6	1 956.2	4 607.2	0.0	590.8
2026-2029	4 340.9	-55.2	1 803.2	1 972.6	3 720.6	0.0	620.3
2030-2033	2 989.6	-21.0	416.7	1 941.3	2 337.0	0.0	652.6
2034-2039	3 165.3	-203.9	0.0	2 375.8	2 171.9	0.0	993.4
<b>Total</b>	<b>35 182.3</b>	<b>-414.1</b>	<b>14 976.4</b>	<b>11 297.5</b>	<b>25 859.8</b>	<b>163.5</b>	<b>8 573.8</b>

Fontes: Relatório do OE'2009, cálculos dos autores.

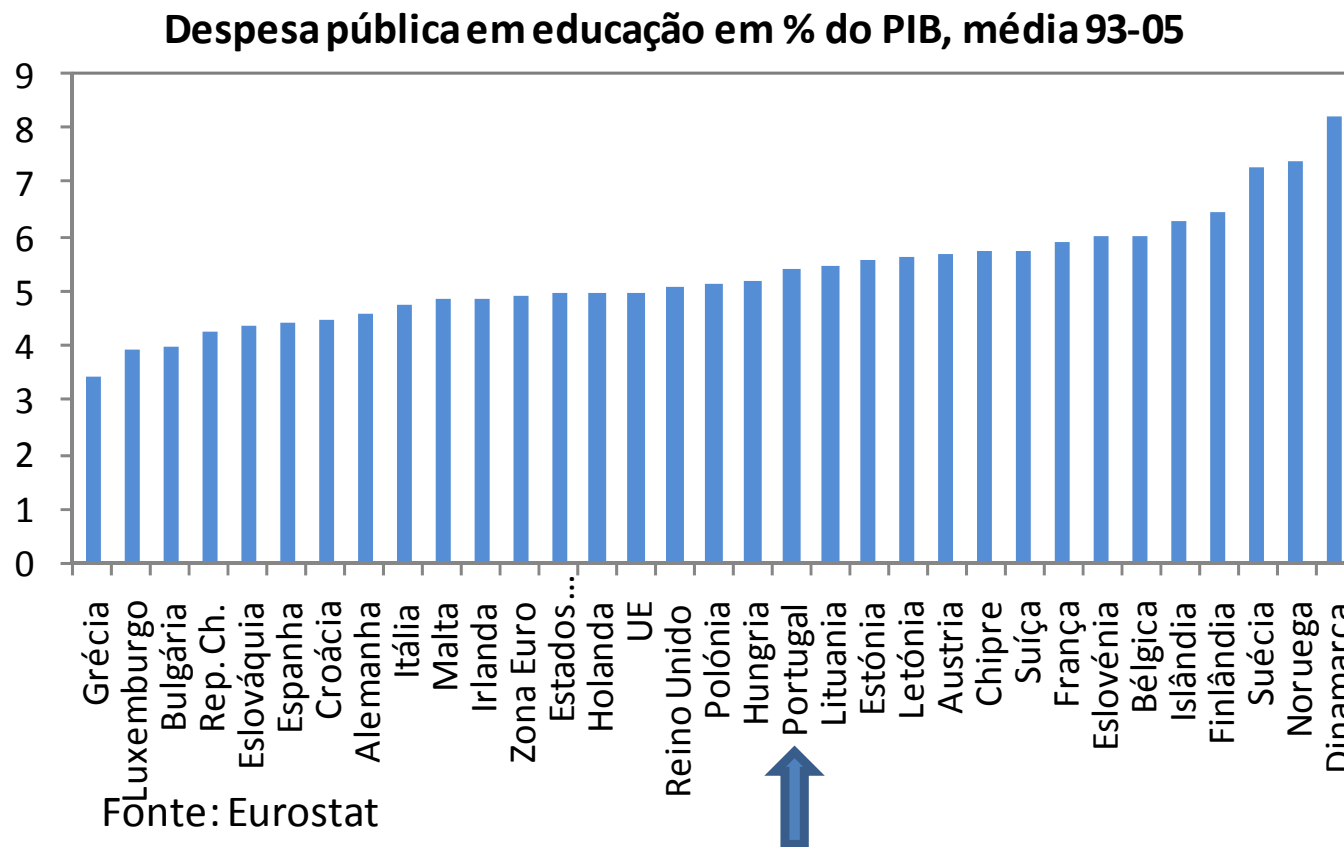
O governo lança programas de obras públicas gigantescos sem cuidar da análise da sua viabilidade.

O OE 2009 deixa por esclarecer os elevadíssimos encargos futuros assumidos com as grandes obras públicas anunciadas pelo governo, e as responsabilidades assumidas com as parcerias público-privadas. Os encargos estão propositadamente subestimados e a sua maior parcela só começa a ser paga depois de 2013. O governo ilude a sociedade e compromete o futuro do país para impor a sua insensata vontade. No Global Competitiveness Indicator, Portugal situa-se na 56ª posição no critério 'desperdício na utilização de dinheiros públicos'.

No Global Competitiveness Indicator, Portugal situa-se em 23ª posição na Qualidade da Infra-estrutura e 14ª posição na qualidade das Estradas. Mas a prioridade do governo perante as inúmeras dificuldades do país é construir mais infra-estruturas e estradas.

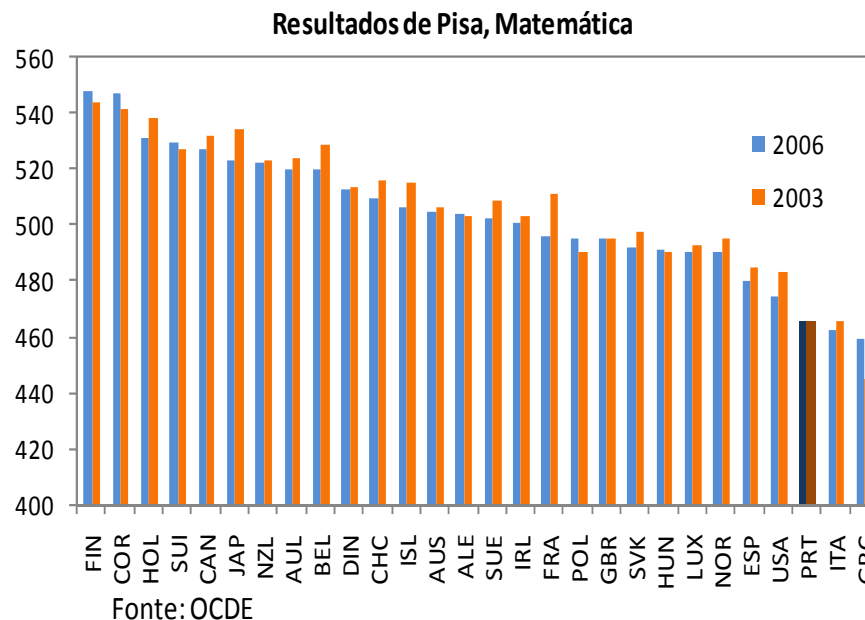
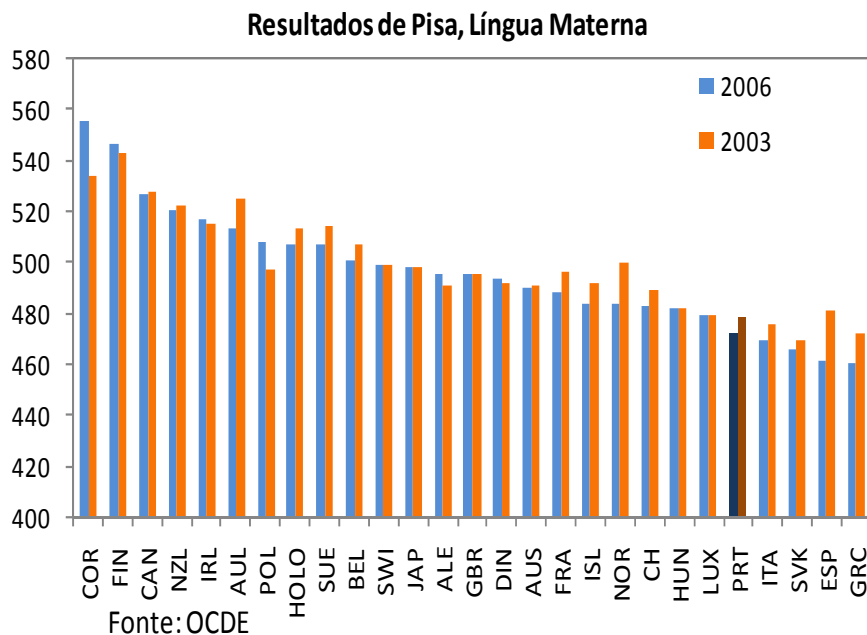
A política de construção de estradas é totalmente contrária a uma política energética moderna, que privilegia o transporte de massa.

## Educação pública cara e deficiente...



No *Global Competitiveness Indicator* 2008, Portugal situa-se em 73<sup>a</sup> posição na Qualidade do Ensino

## ...com resultados fracos: alunos Portugueses na cauda da Europa em Matemática e na Língua Materna

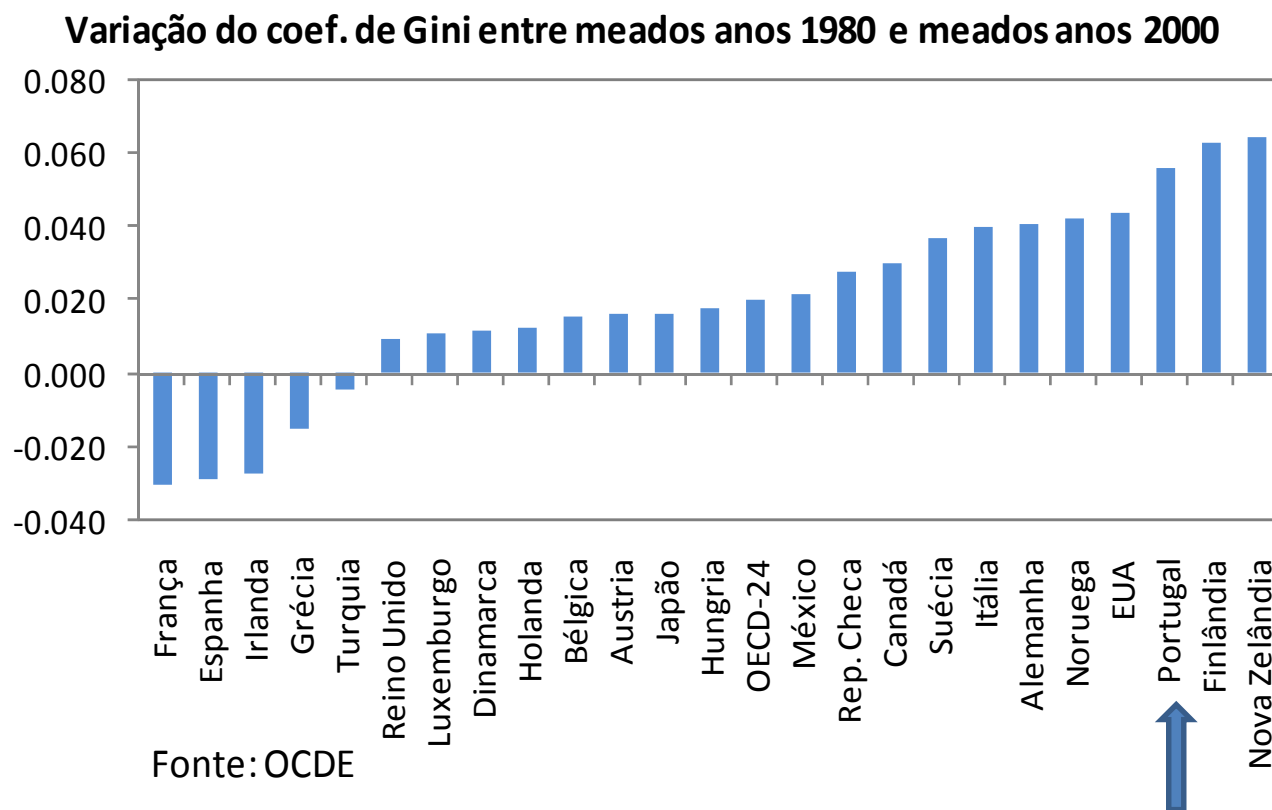


Nas estatísticas governamentais as médias dos exames nacionais sobem, mas alunos, professores, especialistas e os resultados de comparações internacionais dizem todos o contrário. Ao nível por baixo o sistema de educação nacional e ao permitir a degradação das condições de ensino, o governo condena a juventude actual às maiores dificuldades de inserção no mundo moderno. Os mais afectados são os jovens de lares mais modestos que, sem meios de escapar ao ensino público, vêem assim limitadas as suas hipóteses de progressão social.

# A situação actual

- Uma economia em declínio
- Um país endividadíssimo
- Um Estado pesado e opressor
- **Uma sociedade cada vez mais desigual**

# Portugal foi dos países da OCDE onde a desigualdade mais cresceu



# Portugal é hoje o terceiro país mais desigual da OCDE

